

# TAIEIRAS: UM RITUAL RESSIGNIFICADO NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM MONTE DO CARMO, TOCANTINS\*

## TAIEIRAS: A RESIGNIFIED RITUAL AT THE FESTIVAL OF OUR LADY OF ROSARIO IN MONTE DO CARMO, TOCANTINS

Noeci Carvalho Messias 1

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é mostrar a performance das Taieiras que fazem suas apresentações duas vezes ao ano durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada nos meses de julho e outubro, na cidade de Monte do Carmo, Tocantins. As taieiras compreendem um grupo de lindas mulheres negras, que usam turbantes na cabeça, trajam-se com saias rodadas e coloridas e desfilam cantando e dançando pelas ruas da cidade durante o cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário. As narrativas dos participantes da festa, obtidas durante a pesquisa de campo realizada em 2010 para o desenvolvimento de minha tese de doutorado, revelam que tais práticas culturais se configuram em uma expressão de devoção e sociabilidades, possuindo intenso significado nas religiosidades populares no estado do Tocantins.

**Palavras-chave:** Religiosidades. Taieiras. Festa de Nossa Senhora do Rosário.

**Abstract:** The objective of this work is to show the performance of the Taieiras who perform twice a year during the Festa de Nossa Senhora do Rosário in July and October in the city of Monte do Carmo, Tocantins. The taieiras comprise a group of beautiful black women who wear turbans and full colorful skirts to parade on the streets of this city singing and dancing during the procession of the Queen and the King of Our Lady of Rosário. The narratives of the participants, obtained during the field research carried out in 2010 for the development of our doctoral thesis, reveal that such cultural practices constitute an expression of devotion and sociability, which have deep meanings in the popular religiosities in the state of Tocantins.

**Keywords:** Religiousness. Taieiras. Feast of Our Lady of the Rosary.

---

\*O presente texto é uma versão revisada da comunicação, intitulada: Marcas, performances e vivências afro-brasileira na festa de Nossa Senhora do Rosário, no Tocantins, apresentada na Mesa Redonda: Festas, Religiosidades e Folclore no Cerrado do II SINASEC-Simpósio Nacional de Saberes e Expressões Culturais no Cerrado: Territórios e manifestações populares, realizado em Pirenópolis, GO, em 2016.

- 1 Doutora em História (pela UFG), Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural (pela PUC-GO), Especialista em Cultura Afro-Brasileira pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá/RJ, Graduada em História pela UVA. É professora no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus Palmas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8189787178162250>. ORCID: 0000-0001-9827-7523. Email: [noeci@uft.edu.br](mailto:noeci@uft.edu.br).

## Introdução

O que apresento aqui é um recorte da minha tese de doutorado, intitulada *Religiosidade e devoção: as Festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, Tocantins*. Naquela pesquisa busquei mostrar as experiências cotidianas de fé e devoção praticadas anualmente pelos moradores de Natividade e Monte do Carmo.

Neste texto, busco mostrar a performance das Taieiras que fazem suas apresentações duas vezes ao ano durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada nos meses de julho e outubro, na cidade de Monte do Carmo. A festividade em louvor à Nossa Senhora do Rosário é composta por um conjunto de manifestações e de rituais organizados e controlados pelos moradores locais, como a Caçada da Rainha, os cortejos da rainha e do rei, os tamborzeiros, os congos, entre outros. No contexto dessas cerimônias, destaca-se o ritual das taieiras que, repleto de sentidos e devoção, permite à população construir e reconstruir laços, estabelecendo diversificadas formas de sociabilidades.

As taieiras compreendem um grupo de lindas mulheres, predominantemente negras, que acompanham o cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário, proporcionando graça, animação e um colorido especial (Fotos: 1 e 2). Elas percorrem as principais ruas da cidade em direção à igreja, sempre dançando e cantando.

**Foto 1.** As Taieiras durante o cortejo da rainha e do rei de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, Tocantins, em 18 julho de 2010



**Fonte:** Acervo da autora.

**Foto 2.** As Taieiras durante o cortejo da rainha e do rei de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, Tocantins, em outubro de 2012



**Fonte:** Acervo da autora.

Observem, nas Fotos 1 e 2, que essas mulheres usam saias rodadas e coloridas, bem como colares e pulseiras de várias cores e na cabeça um turbante colorido. O cortejo da rainha e do rei pelas ruas da cidade é seguido pela taieiras, pelos congos e pelos tocadores de tambor, além dos devotos e de muitas pessoas que participam da festividade. Assim, ao longo do trajeto, os dois grupos de congos e taieiras desfilam em pares e em filas, cantando versos que se repetem, ao som dos tambores e dançando ritmadamente. Com evoluções das filas e passos laterais, as taieiras manifestam a sua fé e devoção à Nossa Senhora do Rosário.

O ritual das taieiras pode ser pensado como uma expressão de reconhecimento das raízes africanas, uma vez que o processo de formação da cidade de Monte do Carmo, no século XVIII, desencadeou o contato entre diferentes identidades, especialmente indígenas, africanas, afro-brasileiras e portuguesas.

### **Taieiras: em tempo e espaço, abrem caminhos**

**Foto 3.** As Taieiras durante o cortejo da rainha e do rei de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, Tocantins, em outubro de 2013



**Fonte:** Acervo da autora.



**Foto 4.** As Taieiras durante o cortejo da rainha e do rei de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, Tocantins, em outubro de 2013



**Fonte:** Acervo da autora.

Os versos a seguir compõem o poema intitulado *Versos das Tayêras e Congos (Sergipe)*, que pode ser localizado na obra *Cantos populares do Brasil* do autor sergipano Silvio Romero (1954, p. 23):

Virgem do Rosário  
Senhora do norte,  
Dá-me um coco d'água  
Se não vou ao pote.  
Ideré, rê, rê, rê,  
Ai Jesus de Nazaré!...

Virgem do Rosário,  
Soberana Maria,  
Hoje este dia  
É de nossa alegria.

Esses versos, compostos por oito estrofes, são uma das curtas, contudo, significativas, referências teóricas acerca da manifestação cultural das taieiras, registrada em Lagarto, Sergipe. Na introdução dessa publicação, Romero (1954, p. 12) destaca que “as taiêras são mulatas, vestidas de branco enfeitadas de fitas, que vão na procissão dançando e cantando com expressão especial e cor toda original”.

Outra referência relativa às taieiras encontra-se na obra *Artes e artistas em Portugal: contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas*, publicada em 1892, pelo historiador português Sousa Viterbo. O autor destaca que Portugal transplantou às suas colônias, entre elas o Brasil, os seus tradicionais divertimentos. Entre as diversas manifestações mencionadas na publicação, Viterbo faz referência às taieiras, relatando que se celebrou, durante vários dias com grande pompa, o casamento da princesa do Brasil com o infante D. Pedro no século XVIII na Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro na Capitania da Bahia:

Em 1760, na modesta villa de N. Senhora do Purificação e Santo Amaro, da comarca da Bahia, festejou-se com não menor ruído e aparato o casamento da princeza do Brazil com o infante D. Pedro. [...] Chegando aos paços do concelhos onde tomaram acento, fizeram-lhes salas os sôbas e mais mascaras

de sua guarda **sahindo depois as Talheiras** e Quicumbis ao som dos instrumentos próprios do seu uso e rito. O Reinado dos congos parece ter agradado muito pois subiu mais duas vezes a publico nos dias 18 e 21 (VITERBO, 1892, p. 264; grifos meu).

Essa descrição parece ser a mais remota referência às taieiras em território brasileiro. O mesmo autor descreve ainda que o Rio de Janeiro não ficava atrás da Bahia em se tratando de divertimentos. Em 1761, o nascimento do príncipe da Beira foi proclamado com festas que se prolongaram por diversos dias em demonstração de regozijo: “Fogos de artifícios, touros, cavalhadas, danças, banquetes, ópera, das talhaeiras, as das negrinhas pequenas, nada faltou para alegrar os fluminenses” (VITERBO, 1892, p. 265).

Ao descrever a Procissão de São Benedito, na cidade de Lagarto, Mello Moraes Filho (1979, p. 73-75) fornece importantes informações sobre as taieiras:

De Nossa Senhora do Rosário o famoso séquito eram as taieiras. Esse grupo, encantador e original, compunha-se de faceiras e lindas mulatas, vestidas de saias brancas entremeadas de rendas, de camisas finíssimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, buliçosos e lascivos. Um torço de cassa alvejava-lhes à frente trigueira, enfeitado de argolões de ouro e lacinhos de fitas, ao colo viam-se trêmulos colares de ouro; e grossos cordões do mesmo metal volteavam-lhes, com elegância e mimo, os dois antebraços, desde os punhos até o terço superior. E uma das taieiras, girando no ar a sua varinha enfeitada, acompanhando o andor, cantava: *Virgem do Rosário, Senhora do mundo... dê-me um coco d'água senão vou ao fundo...* [...] E adiantada seguia a procissão nas ruas da vila, vencendo o itinerário estabelecido, ao som da música e das canções populares, onde o elemento religioso confundia-se com o profano. [...] Ao anoitecer, a procissão se recolhia, havia *Te Deum*, a esplanada iluminava-se, e os ranchos de Congos e Taieiras dispersavam, indo dançar e cantar em algumas casas.

Cascudo (2001, p. 289), reportando-se a Sílvio Romero, refere-se a uma notícia de que em Lagarto, Sergipe, no século XIX, no dia de Reis, “celebra-se a Festa de São Benedito e apreciam-se então ali dois folguedos especiais, o dos congos, que é próprio dos negros, e o das taieiras, feito pelas mulatas”.

Outro autor que sinaliza a presença das taieiras em solo brasileiro é o folclorista alagoano Brandão (1961) na obra *Folguedos Natalinos de Alagoas*. A obra que talvez melhor descreva a manifestação das taieiras é *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica* da antropóloga e folclorista Beatriz Góis Dantas, publicada em 1972. Suas análises são resultado de sua pesquisa de campo desenvolvida em três cidades do estado de Sergipe<sup>1</sup>. A autora descreve que em Laranjeiras “celebra-se a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, cultuada pelas pessoas mais devotas [...] evidenciando no festejo da Taieira” (DANTAS, 1972, p. 19).

Dantas (1972) salienta que, no contexto da sua pesquisa, o festejo das taieiras em Laranjeiras estava intimamente ligado à pessoa de sua organizadora, Bilina, que absorveu os encargos que no passado eram das rainhas. Logo, o ritual das taieiras de Laranjeiras está intrinsecamente envolvido na adoração a São Benedito e à Nossa Senhora do Rosário, vinculados ao terreiro nagô. Segundo Dantas (1972, p. 29), a “cabeça da festa”, a preta Umbelina Araújo, ou simplesmente Bilina, como era conhecida por todos, era descendente de africanos e seus quatro avós vieram da África. Bilina nasceu em Laranjeiras, pouco depois de abolida a escravatura. Sua mãe, a negra Calu, era escrava

<sup>1</sup> Dantas (1972) desenvolveu a pesquisa de campo coletando dados em Laranjeiras (SE) no período compreendido entre novembro de 1969 e janeiro de 1970. As informações referentes à antiga taieira de Lagarto e São Cristóvão (SE) foram colhidas em julho e agosto de 1971.

urbana do tabelião Manuel Joaquim Araújo, que a comprara para ama de leite do seu filho órfão recém-nascido. Bilina não frequentou escolas, vivia sob a influência de sua avó nagô. Dantas (1972) relata que a herança religiosa dos avós foi a fonte de renda segura que a permitiu viver sem preocupações econômicas como dirigente do grupo de culto negro fundado pelos ancestrais nagôs. Seus trabalhos de magia e as ajudas dos numerosos filhos de santo garantiram-lhe um padrão de vida superior ao da classe baixa local. Sua influência estendeu-se para além de Laranjeiras, a exemplo de Aracaju, onde residiam muitos dos seus filhos de santo que habitualmente frequentavam suas festas. Dantas (1972) acredita que foi sua atuação como mãe de santo que a habilitou a aproximar as duas tradições, reinterpretando certos elementos da dança da taieira em termos do sistema de crenças afro-brasileiras, e que lhe conferiu o *status* e o prestígio que gozava na sociedade local, garantindo-lhe o suporte necessário à realização do festejo folclórico. Posteriormente, Hugo Leonardo Ribeiro (2003, p. 45) em sua pesquisa de mestrado assinala que após o falecimento de Bilina, em meados dos anos de 1970, “Dona Lourdes” assumiu a tarefa de dar continuidade às taieiras, permanecendo até seu falecimento, em outubro de 2002, quando assume Helena.

### **Taieiras em Monte do Carmo: vivências e performances afro-brasileira**

Na cidade de Monte do Carmo, o grupo das taieiras é coordenado pela Rainha de Nossa Senhora do Rosário, que muda a cada ano. Nessa festividade, a rainha representa a personagem principal, sendo a pessoa decisiva na organização do festejo, posto ser a mantenedora financeira do evento. A partir do momento em que a rainha assume a obrigatoriedade de ser “festeira”, torna-se igualmente responsável pela organização, que envolve inúmeras despesas, inclusive, as vestes e os acessórios das taieiras.

Também em Laranjeiras, Dantas (1972, p. 29) relata que no passado eram as rainhas que ofereciam os banquetes às taieiras, todavia quando o empobrecimento da população local ameaçou fazer desaparecer as rainhas, devido, em parte, aos seus encargos econômicos, Bilina chamou para si a responsabilidade, respondendo pelas despesas com as vestes e com a alimentação do grupo. A autora descreve a manifestação cultural em Laranjeiras:

Quando a manhã já formada clareia a cidade, mocinhas com trajes coloridos e chapéus vistosos vão-se sobressaindo, enfeitando a rua da Cacimba e adjacências. São as taieiras convergindo para a modesta casa de Bilina, a organizadora do festejo, onde vão juntar-se às rainhas. [...] Pouco depois das oito horas, forma-se o cortejo. Duas filas de moças e crianças vestidas a caráter dançam e cantam ao som de um pequeno tambor tocado por uma rapazola e de querequeches<sup>2</sup> sacudidos pelas próprias dançarinas. Na retaguarda seguem duas rainhas coroadas e amparadas por guarda sóis, cada uma conduzindo o cetro na mão direita. [...] Assim seguem dançando para a Igreja S. Benedito e N. S. do Rosário. (DANTAS, 1972, p. 20)

2 Designação local de ganzá.

**Foto 5.** Taieiras e congos no cortejo que levará a rainha e o rei até a Igreja, durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo, TO em 18 de julho de 2008



**Foto:** Acervo da autora.

Ramos (2007), autor de um detalhado estudo sobre as diversas manifestações da cultura popular brasileira, concebe os congos e as taieiras como fragmentos culturais de origem negra:

São congos e as taieiras, evidentemente fragmentações do antigo auto dos congos-cucumbis. Havia, na procissão, três negras vestidas de rainha, com seus mantos e coroas douradas, ladeadas de duas alas de congos, vestidos de branco e armados de espadas. De tempos em tempos, a procissão parava e as duas filas de negros congos se digladiavam, terçando espadas e disputando coroa da rainha principal, a quem chamavam Rainha Perpétua. Andores e irmandades completavam o séquito, destacando-se o andor de Nossa Senhora do Rosário, guardado pelas taieiras, grupo de mulatas graciosamente vestidas à baiana. (RAMOS, 2007, p. 68)

Observa-se que estudiosos se referem às taieiras como grupo de mulheres negras, a exemplo de Ramos. Em Monte do Carmo, a cor da pele constitui um dos critérios que influenciam decisivamente na escolha das taieiras, função desempenhada pela rainha, visto que é ela que decide quais serão as mulheres que irão participar da sua festa, representando essas personagens. Embora muitas taieiras já possuam vaga assegurada no grupo, outras são estreates. Fora esse critério, não existe restrição para ser taieira, desde que queira dançar e seja convidada pela rainha.

### **Taieiras: um ritual ressignificado**

De acordo com as narrativas orais, em Monte do Carmo, a manifestação cultural das taieiras foi recuperada nos meses finais de 1978 e a festa realizou-se em julho de 1979. Tradicionalmente, no dia 18 de julho, dia da homenagem à Nossa Senhora do Rosário, a rainha do ano seguinte é anunciada publicamente, na igreja. No entanto, naquele ano, nenhuma rainha se candidatou e, tendo em vista que já se aproximava o período da realização da festa, a comunidade preocupada com tal situação buscou estratégias visando manter a tradição da festividade em louvor à Nossa Senhora do Rosário. Dessa maneira, a escolha para Rainha de Nossa Senhora do Rosário fugiu aos padrões estabelecidos pela tradição, devido ao esforço coletivo de moradores locais, os quais



alegavam que não poderiam deixar a festa acabar, para manter a tradição dos antigos e, para isso, se fazia necessário ter rainha. Assim, a professora Sônia foi escolhida para ser a rainha, devido ao fato de nenhuma candidata ter-se apresentado para aquele ano.

Ela narra com detalhes que sua escolha a pegou de surpresa, pois estava em uma fazenda passando o final de semana com a família, quando chegaram várias pessoas com sanfonas e foguetes dizendo-lhe que ela tinha sido a escolhida para ser a Rainha de Nossa Senhora do Rosário e não teve como hesitar. A formação religiosa fez com que visse nessa escolha um sinal ou uma graça divina, uma vez que, em nenhum momento anterior, havia pensado em ser rainha. Naquele momento, não tinha sequer condições de pleitear algo nesse sentido, pois estava grávida de sete meses. E assim, diante da situação inusitada, a rainha escolhida se viu tentada a entrar em ação com muita brevidade, posto o diminuto tempo para os preparativos da festa que se aproximava. Em suas narrativas, a então rainha relembra o episódio, destacando o seu desejo de conhecer mais sobre os símbolos da festa, dentre os quais, as taieiras. Foram os mais antigos conhecedores da festa que a informaram:

*Em 1979, eu fui escolhida para ser rainha porque aquele ano estava sem rainha. Quando foi no mês de dezembro a comunidade me elegeu para organizar a festa da rainha. Ai junto com meu esposo, o Lulu Pereira, a nossa família que nos ajudaram muito então nós abraçamos esta causa. Com isso eu comecei a fazer pesquisa para saber como que era a festa. Conversei com as pessoas mais velhas aqui da cidade. Nestas pesquisas o pessoal mais velho me falou das taieiras então eu fui atrás para saber mais sobre as taieiras, fui até Porto Nacional atrás de pessoas que moravam aqui antes para me orientar sobre como eram as taieiras, como eram as vestes, os cantos, as danças e a comunidade daqui [de Monte do Carmo] me ajudou muito a ensinar as danças. Inclusive as taieiras que participaram da minha festa foram aquelas mulheres idosas que conheciam mesmo a festa que foram nos ensinar como treinar, como fazer a roupa e a forma de dançar juntos com elas. Que foi a tia Júlia, a Aurora que já partiram, não está mais aqui com a gente e muitas pessoas aqui da comunidade que não irei citar nomes para não correr o risco de deixar de falar nomes de pessoas importantes que nos ajudaram muito naquela época. (PEREIRA, 19 jan. 2009).*

Observa-se, em sua narrativa, o seu empenho em recuperar uma tradição ancestral, que tinha caído no esquecimento. Foi efetivamente uma pesquisa compartilhada e um esforço para reaprender danças, cantos, performances e a forma de se vestir das antigas taieiras. A reincorporação do ritual das taieiras remete a Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9), uma vez que esses autores se referem à “tradição inventada”, que consiste em práticas de natureza ritual ou simbólica que inculcam certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com um passado histórico considerado apropriado.

Observa-se ainda nos relatos da então rainha, que a tarefa empreendida em prol da recuperação do ritual das taieiras foi, especialmente, embasada na fé:

*Eu acho que foi uma graça muito grande que eu recebi. Tanto é que eu já tinha devoção a Nossa Senhora do Rosário, mas depois de ser rainha passei a ter mais ainda. Nós mudamos daqui da cidade de Monte do Carmo, mas todos os anos nós retornamos aqui durante os festejos reforçando nossa fé, pedindo a nossa Senhora para nos cobrir com seu manto. Nós recebemos uma graça tão grande, nós criamos nossos sete filhos estão todos formados, estão bem, com saúde. Isso significa uma graça divina para mim. [...].(PEREIRA, 19 jan. 2009).*



A crença na graça recebida e a afirmação do poder de devoção à santa são recorrentes. A rainha enfatiza que antes de ser “festeira” já era devota de Nossa Senhora do Rosário, o que se fortaleceu ainda mais, após ter sido rainha: “depois disso todos os anos nós retornamos aqui [a Monte do Carmo] durante os festejos reforçando nossa fé” (PEREIRA, 19 jan. 2009).

A rainha ressalta que, nas suas pesquisas, não foi possível identificar o intervalo que permaneceu sem a realização do ritual das taieiras, embora suponha que foram muitos anos, pois as informantes na época disseram que se lembravam das taieiras quando eram ainda muito jovens<sup>3</sup>.

Um relato pontua a importância da memória de antigas participantes sobre o ritual das taieiras na ocasião em que a rainha Sônia contribuiu para a reintrodução desta manifestação cultural à Festa de Nossa Senhora do Rosário:

*[...] Não tinha taieira. Quando eu me conheci. Eu vi minha mãe falar que tinha taieira, ela contava que ela mesmo dançou taieira, mas aí acabou. Depois quando a Sônia foi festeira teve uma senhora que falou pra ela, contando como era e falou que tinha uma mulher que dançou com ela, que era minha mãe. Aí ela [Sônia] veio aqui e procurou a minha mãe. Aí minha mãe contou pra ela tudo como era, contou os detalhes. (SANTOS, 15 jul. 2008).*

O ritual das taieiras significou a volta de uma manifestação esquecida, que muitos moradores locais não conheciam. A partir de então, todos os anos, as taieiras se apresentam durante os Festejos de Nossa Senhora do Rosário, recriando e dando continuidade ao passado histórico.

Para afiançar o ineditismo da festa sob o patrocínio da rainha Sônia e a novidade ritualística que ela teria reintroduzido, o depoimento a seguir destaca a inovação:

*Quando eu comecei a dançar congo eu não conhecia negócio de taieiras. Eu não conhecia. Aí teve um festejo aqui de rainha de Sônia de Lulu Pereira. Aí é que veio taieiras. Eu não conhecia. Nessa época nós não tinha taieiras. Nem jovenzinho eu não conheci taieira. Não tinha não. Só depois que Sônia foi rainha é que começou taieiras. (FERREIRA, 18 jan. 2009).*

De acordo com algumas narrativas colhidas entre as mulheres que se apresentam como taieira; observa-se que ser taieira é uma forma singular de expressar devoção a Nossa Senhora do Rosário:

*Eu acho tão bom ser taieira! Eu me sinto muito orgulhosa! Quando vai chegando perto de julho [...]. É bom demais quando a gente participa e vai chegando perto da festa. Parece que é o melhor momento quando a gente tá indo pra Igreja vestida naquela roupa. A gente sente tão feliz junto com aquelas pessoas que vão cumprindo promessa. Os milagres que Nossa Senhora do Rosário faz. [...]. Enquanto eu aguentar eu danço taieira. [...] Ser taieira pra mim eu acho que é mostrar a nossa cultura para os visitantes. Vamos supor: nós somos doze taieiras e doze congos, entre tudo dá vinte quatro. Esses vinte quatro usam roupas diferentes, tudo mais diferente dos que vem aqui ver a festa. Então ali nós estamos mostrando uma coisa diferente, porque cada lugar tem uma cultura. A nossa aqui é muito diferente [...]. A gente sempre fala pra não deixar acabar a nossa cultura de Monte do Carmo. Nós somos doze taieiras. Todo ano eu danço aqui. Faço representação, até em Teresina, Piauí nós já fomos fazer representação. E sempre nós somos muito aplaudidas [...]. (OLIVEIRA, 14 abril 2009).*

3 Sônia afirma que suas informantes tinham na época [em 1979] a faixa etária entre 70 e 80 anos.

A manifestação das taieiras de Monte do Carmo passou a ser uma prática social e cultural vivenciada também em outros espaços e contextos. A descrição que a depoente faz da importância de ser taieira é sucinta, porém rica em valorização das referências identitárias locais, na medida em que considera que os visitantes terão a oportunidade de conhecer a cultura dos carmelitanos, a qual, em seu entender, é distinta de outros lugares. Nota-se ainda que o mesmo orgulho foi sentido em outra parte do país, mencionando que as taieiras foram aplaudidas em Teresina, Piauí, onde participaram de um Festival de Cultura Popular, representando o estado do Tocantins. As notícias sobre esse acontecimento foram destacadas nos periódicos *Almanaque Cultural do Tocantins* (2002) e *Jornal do Tocantins* (2002).

*I Encontro Folclórico Norte-Nordeste no Tocantins* traz hoje a cultura amazonense ao palco do Parque Cesamar, a partir das 19 horas, com o *Balé Folclórico da Amazônia*, de Belém do Pará. [...] Da cultura local, os visitantes do evento vão apreciar as manifestações arraianas com a *Roda de São Gonçalo*, nativitanas com a *Folia do Divino Espírito Santo* e os *Catireiros*, [...] além dos *Congos* e *Taieiras*, de Monte do Carmo (D'ANGELO, 2002, p.1).

O orgulho sentido pela depoente em conhecer e ser prestigiada em outras localidades, em âmbito nacional, demonstra aspectos significativos de transgressão e de afirmação social proporcionados por ser taieira.

É recorrente em alguns autores a tese do desaparecimento da manifestação das taieiras, sendo até mesmo considerada por alguns autores como extinta. Observa-se uma nostalgia quando Carneiro (2008, p. 20) salienta que “as taieiras são simples recordações”. Do mesmo modo Andrade (2001, p. 69) pondera que “as danças dramáticas estão em plena, muito rápida decadência. Os Reisados de muitas partes já desapareceram. Desapareceram as Taieiras, os Quicumbres, os Meninos Índios”. Essa também é a posição de Araújo (2004, p. 83), ao assinalar que “há um processo evolutivo, dinâmico, transformando as manifestações coletivas do lazer popular. As danças tradicionais estão desaparecendo; de algumas, como as taieiras, só nos resta o nome”. Brandão (1961, p. 12) acredita que “talvez seja em São Miguel dos Campos, na zona da mata de Alagoas, o último lugar no Brasil onde ainda se tenha realizado um antigo folguedo de mulatas – a Dança das Taieiras”. O estudo de Dantas (1972) sobre as taieiras feito nas cidades de Lagarto e São Cristóvão, em Sergipe, foi baseado nas informações de antigos participantes:

[...] Da taieira de Lagarto restam hoje as descrições, alguns dos antigos participantes e a esperança do seu organizador: ‘ainda tenciono fazer uma festa desta’. [...] a taieira de São Cristóvão era dançada por mulheres de idade, cerca de doze pretas e mulatas que saíam apenas na festa de Nossa Senhora do Rosário. Há cerca de trinta e cinco ou quarenta anos deixaram de se apresentar (DANTAS, 1972, p. 52-54).

A autora atribui como fatores que contribuíram para o quase total desaparecimento das taieiras a perda da importância das associações religiosas no contexto do catolicismo e o desaparecimento das Irmandades do Rosário, seguidos de atitudes negativas por parte dos padres em relação às manifestações populares e tradicionais da religiosidade.

Observa-se que Lody (2006, p. 14) induz a uma possível diferenciação, particularmente esclarecedora com relação ao processo de ressignificação do ritual das taieiras. O autor, ao refletir sobre religiões de matriz africana, destaca que as taieiras consistem em uma das manifestações que vive momentos de diferenciados revivalismos, por ações de intelectuais e de organizações comunitárias, que apoiam a construção de identificações e identidades afro-brasileiras.

Estudos mais recentes remetem novamente ao estado de Sergipe, mostrando que a manifestação das taieiras vem sendo revitalizada, evidenciando como o dinamismo da cultura popular favoreceu o seu ressurgimento. Esse fato pode ser certificado na dissertação de mestrado intitulada *Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista*, de Hugo Leonardo Ribeiro, defendida em 2003, pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia.

Ribeiro (2003, p. 102) focou sua pesquisa em cinco grupos de taieiras de diferentes localidades do estado de Sergipe. Dos cinco grupos pesquisados pelo autor, quatro foram recriados:

Conclui-se, a despeito dos vaticínios em contrário, que as Taieiras estão hoje mais vivas do que nunca. Os agouros de folcloristas das décadas de 50 a 70 não tomaram lugar. Atualmente confirmamos a existência de taieiras nos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Tocantins e um certo Maracatu das taieiras em São Paulo. A lista não é exaustiva e nada garante que não existam outros em outras localidades, cuja notícia não nos chegou. Mas, se inicialmente era possível relacionar as taieiras com Confrarias e Irmandades Católicas, nos dias atuais a conjuntura é outra, proporcionando novas razões de existência. O que anteriormente era um fazer recreativo ou de louvor, passou a ter nos dias atuais uma outra conotação. Pretextos sócio-econômicos aliam-se aos antigos motivos sacros e profanos. Surgiram novos contextos de apresentações, e com isso novos grupos (RIBEIRO, 2003, p. 102).

Esse é um aspecto que reforça o fato de que o ritual das taieiras, na cidade de Monte do Carmo, não se perdeu totalmente na experiência da transculturalidade, mas foi ressignificado nas experiências locais. As taieiras são, assim, o resultado contemporâneo de ritmos e de sons reconstruídos ao longo do percurso histórico, configurando o que Hall (2000, p. 108) afirma: “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

### **Pelas ruas da cidade, no cortejo da rainha e do rei de Nossa Senhora do Rosário**

Todos os anos, no dia da missa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo, nas primeiras horas da manhã, os congos, com as taieiras, vão ao encontro da rainha e do rei na Casa da Festa, para conduzi-los até a igreja. Como as demais etapas nas comemorações, essa também é revestida de um ritual seguido pelos participantes. Antes de se dirigirem à igreja, os congos e as taieiras tomam o café matinal, com os festeiros.

A gente se arruma em uma casa aí nós vem buscar a rainha, toma café com ela e depois levamos para a Igreja. Quando chega na igreja nós entramos junto com os congos e a rainha. Aí quando termina a missa, aí nós saímos e chega na porta da igreja, antes da rainha descer os degraus da igreja nós cantamos a música pra ela. Aí nós afastamos e os congos encostam e também cantam as músicas deles [...]. Aí vem cantando, vai lá, vem cá até chegar na Casa da Festa. Aí toma o café com bolo, licor, toca o tambor, dança tambor, aí o trem ferve aí até mais tarde. [...] (OLIVEIRA, 14 abril 2009).

No trajeto de ida à igreja as taieiras não cantam, somente dançam acompanhando os congos. Na igreja, durante a missa, o grupo das taieiras e o dos congos sentam-se nos primeiros bancos que lhes são reservados, enquanto a rainha e o rei ocupam as cadeiras no altar, previamente ornamentadas.

Finda a celebração religiosa, as taieiras se dirigem para o lado de fora da igreja, aguardam a saída da rainha e do rei. Ainda na porta da igreja, antes de descerem o adro, as taieiras cantam para a rainha e para o rei e seguem em cortejo da igreja até a Casa da Festa. Os versos a seguir são entoados e repetidos pelas taieiras durante o cortejo, sempre ao som dos tambores:

*Alô, alô quem nos chamou*  
*Rei e a rainha quem convidou* Refrão

*Deus vos salve casa santa*  
Onde Deus fez a morada  
Onde mora o cálix bento  
E a hóstia consagrada

Sinhô padre vigário licença pedi  
Na porta da igreja queremos diverti

Taieiras do porto foi quem nos guiou  
Estrela do céu quem nos corou

Dançai taieira na porta do pé  
Fazei cortesia ao senhor São José

Vamo senhor rei e minha rainha coroa de prata de Portugal  
Vamo meu rei e minha rainha coroa de prata de Portugal  
Vamo passear na rua festejar Senhora do Rosário  
Vamo passear na rua festejar Senhora do Rosário

Lá no céu tem sete estrelas mais clara do que a lua  
Nossa Senhora do Rosário tá passeando na rua

Sinhora do Rosário na igreja ficou  
Ela ficou, deixa ficar  
Para o ano que vem nós tornamo festejar

Sinhô rei de congo pode falar  
Venceu a rainha em Portugal

Ao longo do cortejo, nas evoluções das filas, as taieiras e os congos revezam-se durante a cantoria, ora avançando, ora recuando, em uma sincronia de canto e movimento. Como observou Dantas (1972), tal como em Laranjeira, também em Monte do Carmo, muitas vezes, as evoluções das filas são prejudicadas pela exiguidade do espaço, uma vez que são preenchidos pelos participantes, além dos fotógrafos e profissionais da imprensa que normalmente cobrem o evento. Logo, se formam duas alas nas quais duas taieiras, conhecidas como guias, puxam a frente cantando enquanto as outras respondem também cantando.

Nos trechos do canto, chama a atenção a expressão “coroa de prata de Portugal e rainha de Portugal”. Em Rios (2004), encontro a explicação que se coaduna com o cunho religioso e a veneração à coroa, aos reis e à rainha, cuja matriz é o catolicismo negro de raiz banto:

A primeira evidência desta origem são as reminiscências da concepção africana de realeza. A aura de sacralidade era atributo intrínseco de toda monarquia. Na África Centro-Occidental, o rei conservava funções do sacerdote e era visto como ser divino. Ele mantinha estreita ligação com o mundo dos ancestrais e era responsável pela abundância do reino e pela harmonia das comunidades que governava. Assim, a religião era fonte de poder, e este fonte de riqueza para o grupo. A divindade atribuída ao rei – ou rainha – comunicava-se com as insígnias do seu poder, a coroa especialmente, [...]. É por isso que nos cantos de Reinado, são tão freqüentes, ao



lado das invocações dos santos e dos pedidos de proteção, as homenagens aos reis e a veneração da coroa. (RIOS, 2004, p. 30).

Souza (2002) também argumenta que os versos cantados fazem referência aos fatos ligados à diáspora africana, mencionando lugares como Angola e situações como a travessia do atlântico. A autora aponta que esses dados indicam que havia uma representação da história real nas danças e permitem a associação das taieiras, figuras simbólicas, a personagens da corte.

Segundo Dantas (1972) não se pode negar o vínculo associativo da dança das taieiras ao Reinado dos Congos, elo que se acentua no Festejo de Nossa Senhora do Rosário, uma manifestação ressignificada, adaptado às novas condições socioeconômicas no Brasil. As taieiras tinham a função manifesta de abrilhantar o cortejo dos reis negros. Brandão (1961) também pondera que os Reis de Congo seriam reinterpretações dos impérios portugueses e das reinagens francesas, naturalmente com a convergência de tradições caras aos africanos.

O Reinado dos Congos difundiu-se no Brasil colonial, tendo, contudo, significado distinto para os dois grupos antagônicos em contato, negros e brancos. Para o negro, era uma estratégia de perpetuar instituições políticas da África, a monarquia, e para os brancos era um mecanismo mais sutil de dominar os escravizados sem intervir diretamente para corrigir sua conduta ou levá-los ao trabalho escravizado, o que era feito por intermédio do rei, a quem os negros deviam obediência (DANTAS, 1972).

## Algumas considerações

O ritual das taieiras adquiriu, ao longo do tempo, especificidades que expressam como as práticas culturais de uma determinada sociedade são ressignificadas ao mesmo tempo em que possibilitam sociabilidades e divertimentos.

O ritual das taieiras abre novas possibilidades de pesquisas que instigam a compreender historicamente as manifestações culturais construídas e reconstruídas por distintos atores sociais e épocas.

Observa-se que por meio das festas a comunidade carmelitana consegue afirmar identidades marcadas pela fé e devoção – aspectos aparentemente estigmatizantes associados à negritude podem, em algumas situações, converter-se em prestígio social; por isso, pode-se afirmar que a Festa de Nossa Senhora do Rosário favorece a valorização de marcas identitárias da comunidade, muitas vezes vistas como negativas em outro contexto social. Assim, é interessante observar como uma “tradição inventada” por uma elite branca, no período colonial, visando proporcionar, entre outras coisas, a conversão dos negros ao catolicismo, pôde ser reformulada e reinterpretada posteriormente por uma comunidade e passou a representar a identidade desta.

O ressurgimento do ritual das taieiras na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo, outrora deixado no passado, expressa o modo como as festas estão sujeitas à incorporação e também à exclusão de novos elementos, continuidades, descontinuidades, mutações, rupturas e ressignificações.

Fazer uma análise das Festividades de Nossa Senhora do Rosário, suas formas de sociabilidades, experiências e vivências de fé e devoção, consistiu em uma tentativa de compreender como as memórias, tanto individuais quanto coletivas de outrora, são recriadas no tempo presente. Assim, pode-se afirmar que as marcas e as vivências dos carmelitanos são resultantes da herança de suas históricas festas populares que remontam a outros tempos e espaços.

## Referências

ALMANAQUE TOCANTINS DE CULTURA, Ano 4 nº 30, maio de 2002.

- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional II: danças, recreação e música**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.
- BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos de Alagoas**. Maceió, 1961.
- CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do folclore**. 3ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- CASCUDO, Câmara Luís da. **Antologia do folclore brasileiro**. 5ª Ed. São Paulo: Global, 2001.
- D'ANGELO, Zuleide. **Nossa Senhora do Rosário: um apego à fé dos carmelitanos**. *Jornal do Tocantins, Caderno Arte & Vida*. Palmas, 11 de outubro de 2002, p. 1.
- DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FERREIRA, Aristeu de Assis. **Congo**. [Entrevista cedida a] Noeci Carvalho Messias. Goiânia, 18 jan. 2009. *Dados da Pesquisa*.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LODY, Raul. **O povo do santo**. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- MELLO MORAES Filho. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.
- MESSIAS, Noeci Carvalho. **Marcas, performances e vivências afro-brasileira na festa de Nossa Senhora do Rosário, no Tocantins**. In: II Simpósio Nacional de Saberes e Expressões Culturais no Cerrado: Territórios e manifestações populares. Pirenópolis, GO: UEG, 2016.
- MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO**. Tese (Doutorado em História). Goiânia: UFG, 2010.
- MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo, TO**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.
- OLIVEIRA, Rufina Souza. **Taieira**. [Entrevista cedida a] Noeci Carvalho Messias. Goiânia, 14 abril 2009. *Dados da Pesquisa*.
- PEREIRA, Sônia Maria Almeida. **Rainha de N. S. do Rosário**, 1978. [Entrevista cedida a] Noeci Carvalho Messias. Goiânia, 19 jan. 2009. *Dados da Pesquisa*.
- RAMOS, Arthur. **O folclore negro do Brasil**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista**. Dissertação (Mestrado em Música-Etnomusicologia). UFBA, Salvador, 2003.
- ROMERO, Silvio. **Cantos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. Tomo I.
- SANTOS, Fausta J. dos. **Rainha de N. S. do Rosário/1984 e Taieira**. [Entrevista cedida a] Noeci Carvalho Messias. Goiânia, 15 jul. 2008. *Dados da Pesquisa*.

SOUZA, Marina de Mello. **Reis negros no Brasil escravagista**: História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

VITERBO, Sousa. **Artes e artistas em Portugal**: contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas. Lisboa: Livraria Ferreira, 1982.

Recebido em 23 de junho de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.